

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**  
(Organizadora)

# INQUIETAÇÕES E PROPOSITURAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# Inquietações e Proposituras na Formação Docente

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
158	<p>Inquietações e proposituras na formação docente [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-381-1 DOI 10.22533/at.ed.811191106</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação. 3. Prática de ensino. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 370.71</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Não há Educação sem História. Não há História sem Memória Ciência, sem História e Memória. Quase sempre deforma. Vejo-me entre crianças, sentindo-me professor, num barracão de chão batido, coberto de palha, no fundo do quintal, de onde era minha casa, no meu sempre, no meu mundo, no meu tudo, Parintins... [...] Saibamos construir nossa história. Saibamos semear nas memórias Daqueles que estão Daqueles que ainda virão... O pouco que fazemos O pouco que pensamos. O pouco que sentimos. O pouco que vemos... Neste percurso Que falseia o espaço. Que falseia o tempo... Agora é a hora! Este é o momento! Que todos, avancemos! (Amarildo Menezes Gonzaga/2012). Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora a presença distante das estrelas! (Mário Quintana, 1951) O trecho extraído do poema “Das utopias”, de Mário Quintana, é um convite para mantermos viva a utopia, pois uma sociedade sem utopia é uma sociedade sem sonhos e esperanças. Entendemos que, para discutir essa questão, torna-se necessário, inicialmente, evidenciar a indiscutível importância do acervo de conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados na orientação ou reorientação do fazer pedagógico. No momento atual, constatamos um processo contínuo de fluxo e refluxo, um movimento incessante que caracteriza não apenas o mundo físico, mas também os domínios educacionais, psicológicos, sociais, políticos e culturais presentes no mundo. Sendo assim, urge um repensar sobre fenômenos educacionais, uma vez que o contexto teórico existente e disponível se apresenta insuficiente para responder aos problemas mais prementes ou solucioná-los. Nesse sentido, novos debates, novas ideias, novas articulações, novas buscas e novas reconstruções, fundadas em novas concepções, ou seja, novas formas de pensamento revelam a maneira de olharmos a realidade como um todo e não como uma única forma de entendermos o mundo circundante, ante a insatisfação com os modelos predominantes de explicação para as questões emergentes no âmbito educacional. Em contraposição a essa prática, Freire (1997: 21) defende que a educação compreende um espaço privilegiado para se problematizar os condicionamentos históricos, partindo do pressuposto de que “somos seres condicionados mas não determinados; ou ainda que, a história é tempo de possibilidade, (...) o futuro é problemático e não inexorável”. Sendo assim, não podemos mais conceber que, na orientação da formação dos profissionais da área educacional, haja uma predominância de tendências paradigmáticas da educação, que tenham por finalidade principal o domínio por parte do futuro profissional de conhecimentos fechados, acabados, transmitidos através de uma metodologia que exacerba a aula expositiva como técnica de ensino e considera a prova como ferramenta para aprovar ou reprovar o aluno. Essa prática revela, por um lado, a ineficiência do ensino e, por outro, o lado cruel da escola, que, muitas vezes, penaliza os excluídos socioculturalmente, estigmatizando-os e aprofundando a distância entre prática profissional e produção do conhecimento científico. Em síntese,

a formação do professor deve ser compreendida para além do simples treinamento em destrezas, na perspectiva de torná-lo sujeito do processo de (re) construção do saber. No artigo (IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES NO ENSINO SUPERIOR, as autoras Aparecida Silvério ROSA e Fernanda Telles MÁRQUES buscam analisar comparativamente os entendimentos de alunos e de professores de um curso superior acerca da questão da indisciplina em referido nível de ensino. No artigo A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, os autores Patrício Ceretta E Luiz Gilberto Kronbauer buscam tratar da importância da Ética na formação de professores, identificando espaços dedicados ao estudo de ética ao longo dos Cursos e refletindo sobre a incidência da Ética na prática docente. No artigo A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS, as autoras Magda Miranda de Assís Cruz e Magda Madalena Peruzin Tuma buscam trazer uma experiência do Ensino de História local realizada em uma escola pública, que, como campo do Estágio Curricular Obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (2016). No artigo A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, busca tratar da política de institucionalização de polos de apoio presencial do sistema Universidade Aberta do Brasil. No artigo APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA, os autores Pâmela Bueno Costa e Samon Noyama buscam fazer uma provocação quanto a um tema legítimo da filosofia, que já foi motivo de especulação de filósofos na antiguidade grega e, com devido destaque, na filosofia europeia do final do século XVIII: a relação entre filosofia e literatura. No artigo AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES, as autoras Juliana Cristina Ribeiro da Silva e Patricia Helena Mirandola Garcia as autoras buscam apresentar o resultado de uma aula prática de Geografia, História, Biologia, Antropologia e Arqueologia do Mato Grosso do Sul realizada em um sítio arqueológico com figuras rupestres datadas de aproximadamente 3.000 anos. No artigo AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES, as autoras Natália Lampert Batista, Tascieli Feltrin, Elsbeth Léia Spode Becker buscam refletir o processo dinâmico e inquietador de se autotransformar pela docência é algo complexo e extremamente necessário à atuação docente em suas diversas práticas, sejam elas coletivas, sociais ou subjetivas. No artigo CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR, as autoras Elisabeth Mary de Carvalho Baptista e Iracilde Maria de Moura Fé Lima, buscam propor estratégias para serem aplicadas em sala de aula, nas disciplinas dessa área, buscando possibilitar o desenvolvimento da criatividade dos alunos, contribuindo para uma maior eficiência do processo ensino- aprendizagem na construção do conhecimento. No artigo EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA

MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE, os autores Sônia Pinto De Albuquerque Melo e Elza Ferreira Santos buscam discutir sobre a educação e a moralidade postas como instrumentos importantes à formação humana, a partir do discurso pedagógico da Modernidade, Contemporaneidade, Oitocentos e século XX.

No artigo ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS, a autora Ana Paula Guedes, busca analisar como se compreende o resgate das decisões políticas acerca do ensino de língua estrangeira no Paraná e no Brasil. No artigo ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO as autoras Paula Adriana Rodrigues e Stéfani Martins Fernandes buscam relatar a experiência e o olhar de uma professora da Instituição por meio da prática desenvolvida e uma das suas vivências numa das turmas de multi-idade com crianças de um ano e meio a cinco anos e onze meses. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA, os autores Eromi Izabel Hummel e Mara Silvia Spurio buscam apresentar a formação dos professores que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Secretaria Municipal de Educação de Londrina. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA, os autores Leni Hack e Robson Alex Ferreira buscam apresentar as reflexões sobre a formação de professores/as de Educação Física e as possibilidades de aproximação entre a Universidade e as Escolas parceiras no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. No artigo GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID, os autores Hitalo Cardoso Toledo, Jéssica Hernandes Vizu Silva, Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma, buscam relatar a experiência do pibidiano/professor de Educação Física no ensino do conteúdo ginástica para estudantes do ensino fundamental I. No artigo JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, as autoras Nakita Ani Guckert Marquez e Dalva Maria Alves Godoy buscam apresentar algumas reflexões acerca da importância dos jogos de consciência fonológica para o processo inicial de alfabetização. No artigo METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES, os autores Robinalva Ferreira, Marília Morosini, Pricila Kohls dos Santos, Luisa Cerdeira buscam analisar os avanços e desafios na prática pedagógica docente e na aprendizagem de estudantes universitários após a utilização de Metodologias Ativas (MAs), na percepção de professores. No artigo M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI) os autores Ernane Rosa Martins e Luís Manuel Borges Gouveia, buscam apresentar uma proposta de um modelo pedagógico direcionado para atividades de m-learning (mobile learning), fundamentado na teoria da Sala de Aula Invertida (SAI), denominado de ML- SAI. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO

PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO, os autores Itamara Peters, Eliana Merlin Deganutti de Barros, buscam investigar as práticas de letramento escolar realizadas no SAREH. No artigo OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, a autoras Analice dos Santos Lima e Luciene Maria Patriota buscam relatar, descrever e analisar, o estudo com o gênero História em Quadrinhos na sala de aula. No artigo POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL, a autora Susana Schneid Scherer, busca assinalar alguns reflexos das políticas educacionais em vigência sobre os docentes públicos escolares brasileiros. No artigo REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE, as autoras Rafaelle Sanches Cutrim e Denise Bessa Léda realizam um estudo em fase inicial sobre as repercussões da financeirização do ensino superior privado na dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente, a partir de uma instituição de ensino superior pertencente a um grande conglomerado educacional no Maranhão. No artigo SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS a autora Mônica Tessaro realiza um recorte de minha pesquisa de Mestrado, sendo que o objetivo geral foi investigar em que medida os processos educativos desenvolvidos na escola favorecem a estruturação do foreground dos jovens estudantes do nono ano do Ensino Fundamental. No artigo TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES a autora Adriana dos Santos busca discutir sobre a utilização de TD no âmbito das práticas pedagógicas da disciplina de Educação Física Escolar. No artigo INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL os autores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro, João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri buscam com este estudo identificar a percepção de gestores de escolas públicas sobre a educação sexual em instituições públicas escolares. No artigo: ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO as autoras : Adriana Moreira de Souza Corrêa e Josefa Martins de Sousa constitui em uma pesquisa bibliográfica, com objetivo apresentar tecnologias de baixo custo que favorecem o trabalho do professor de Língua Portuguesa no ensino das pessoas com Paralisia Cerebral.



E no artigo: LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFISSIONALIZANTE os autores : Allan Charlles Mendes de Sousa, Marcos Bohrer, Cláudia Fátima Kuiawinski, Emilly Karine Ferreira e Gisele Canal Masier trata da apresentação de um projeto que propôs a construção de uma Litoteca - acervo catalogado de minerais e fragmentos de rochas - como uma ferramenta pedagógica a ser utilizada no curso técnico de Agropecuária integrado ao ensino médio do Instituto Federal Catarinense Campus Videira.

Solange Aparecida de Souza

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
(IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES no ENSINO SUPERIOR	
Aparecida Silvério Rosa	
Fernanda Telles Márques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Patrício Ceretta	
Luiz Gilberto Kronbauer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS	
Magda Miranda de Assis Cruz	
Magda Madalena Peruzin Tuma	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL	
Tânia Barbosa Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA	
Pâmela Bueno Costa	
Samon Noyama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva	
Patricia Helena Mirandola Garcia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911066</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES	
Natália Lampert Batista	
Tascieli Feltrin	
Elsbeth Léia Spode Becker	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911067</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista Iracilde Maria de Moura Fé Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>96</b>
EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE	
Sônia Pinto De Albuquerque Melo Elza Ferreira Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>113</b>
ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS	
Ana Paula Guedes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>121</b>
ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO	
Paula Adriana Rodrigues Stéfani Martins Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>131</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA	
Eromi Izabel Hummel Mara Silvia Spurio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA	
Leni Hack Robson Alex Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>153</b>
GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID	
Hitalo Cardoso Toledo Jéssica Hernandez Vizu Silva Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110614</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Nakita Ani Guckert Marquez Dalva Maria Alves Godoy	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110615</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>170</b>
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES	
Robinalva Ferreira Marília Morosini Pricila Kohls dos Santos Luisa Cerdeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>184</b>
M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI)	
Ernane Rosa Martins Luís Manuel Borges Gouveia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>193</b>
O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO	
Éllen Patrícia Alves Castilho Darcísio Natal Muraro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>201</b>
O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO	
Itamara Peters Eliana Merlin Deganutti de Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>215</b>
OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Analice dos Santos Lima Luciene Maria Patriota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110620</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>224</b>
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL	
Susana Schneid Scherer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110621</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>236</b>
REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE	
Rafaelle Sanches Cutrim Denise Bessa Léda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110622</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>250</b>
SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS	
Mônica Tessaro	
DOI 10.22533/at.ed.81119110623	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>264</b>
TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES	
Adriana dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.81119110624	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>276</b>
INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri	
DOI 10.22533/at.ed.81119110625	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>285</b>
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO	
Adriana Moreira de Souza Corrêa	
Josefa Martins de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.81119110626	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>295</b>
LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFISSIONALIZANTE	
Allan Charles Mendes de Sousa	
Marcos Bohrer	
Cláudia Fátima Kuiawinski	
Emilly Karine Ferreira	
Gisele Canal Masiero	
DOI 10.22533/at.ed.81119110627	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>302</b>

## ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO

**Adriana Moreira de Souza Corrêa**

Universidade Federal de Campina Grande  
Cajazeiras - Paraíba

**Josefa Martins de Sousa**

Universidade Federal de Campina Grande  
Cajazeiras - Paraíba

**RESUMO:** A pessoa com paralisia cerebral apresenta desordens no controle motor e na postura. Apesar desta condição não se associa à deficiência intelectual, em virtude da dificuldade de expressão do conhecimento, as pessoas que apresentam esta deficiência são frequentemente rotuladas como intelectualmente comprometidas. Este estigma de inferioridade, construído socialmente, pode ser superado caso o docente de Língua Portuguesa conheça e utilize instrumentos que possibilitam a este aluno, o acesso ao texto trabalhado na classe regular inclusiva, bem como desenvolva formas alternativas para avaliar e implementar recursos de Tecnologia Assistiva que permitam a compreensão e a expressão do conhecimento pelo estudante. Deste modo, a investigação se constitui em uma pesquisa bibliográfica, com objetivo apresentar tecnologias de baixo custo que favorecem o trabalho do professor de Língua Portuguesa no ensino das pessoas com Paralisia Cerebral. Para desenvolver a pesquisa que se insere na perspectiva da

formação docente para a atuação na escola regular inclusiva, nos baseamos em Brasil (2006; 2007; 2010), Bersh e Machado (2010) e outros, a fim de identificar os recursos didáticos, presentes na literatura, que funcionam como mediadores do aprendizado para os alunos com paralisia cerebral. Identificamos inúmeros recursos que podem ser confeccionados ou adaptados pelos profissionais da educação como também, que esta informação deve ser partilhada não só nos cursos que formam os professores especializados para atuar na educação especial, mas que devem ser abordados nas licenciaturas, a fim de garantir, a todos os alunos, o direito à educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paralisia Cerebral. Ensino de Português. Tecnologia Assistiva.

**ABSTRACT:** People with cerebral palsy have disorders in motor and postural control. Although this condition is not associated with intellectual disability, because of the difficulty of expressing knowledge, individuals who have this deficiency are often labeled as intellectually compromised. This stigma of inferiority is socially constructed and it can be overcome if Portuguese Language Teachers know and use tools that allow access to the text in the inclusive regular class for students with such paralysis, as well as develop alternative methods to evaluate and implement Assistive Technology Resources

that allow students to understand and express their knowledge. Thus, this paper is a bibliographical research aimed at presenting low cost technologies that favor the work of the Portuguese Language Teacher in the teaching of people with cerebral palsy. Inserted from the perspective of teacher training for the performance in the inclusive regular school, the present research was based on Brazil (2006, 2007, 2010), Bersh and Machado (2010) and others, in order to identify the didactic resources, present in the literature, which act as learning facilitators for students with cerebral palsy. As a result, numerous resources that can be made or adapted by education professionals have been identified, as well as the need to share this information not only in the courses that train specialized teachers to work in special education, but in all Licenciateship degrees, aiming to guarantee the right education for all students.

**KEYWORDS:** Cerebral Palsy. Teaching of Portuguese Language. Assistive Technology.

## 1 | INTRODUÇÃO

A inclusão é um processo que ocorre no ensino regular e contribui para repensar a organização e a prática destas instituições, de modo que estes espaços acolham e possibilitem o aprendizado de todos os alunos, independente de sua condição temporária ou necessidade de recursos complementares ou suplementares para o aprendizado (MANTOAN, 2015).

Ainda conforme a investigadora, para que ocorra a inserção dos educandos nas práticas educativas e seja garantido o direito ao desenvolvimento das habilidades do estudante (segundo as suas possibilidades) as escolas brasileiras precisam romper com o velho modelo de integração de pessoas com deficiência. A atual prática consiste em matricular o aluno, mas sem assegurar recursos, profissionais e técnicas que favoreçam a interação deste estudante com os demais membros da comunidade escolar. Por isso, a aquisição de conhecimentos e habilidades que são ensinadas na escola, em uma prática denominada integradora (CARVALHO, 2013). Corroborando com Mantoan (2015), a autora destaca que adotar práticas inclusivas, consiste em considerar que todos os alunos são capazes de aprender, independentemente da sua condição mental, física ou sensorial e que a eles devem ser assegurando estratégias, materiais e profissionais que possibilitem o acesso aos conteúdos nos diversos níveis educativos.

Carvalho (2013) discorre ainda que não há um caminho delimitado e amplamente divulgado que permita a comunidade escolar compreender a proposta de educação inclusiva constante nos documentos legais e isto implica na resistência por parte dos pais, dos familiares e dos professores para a implementação da proposta da inclusão educacional. Assim, a inclusão rompe com as barreiras que embasam a manutenção do conservadorismo das escolas, ao questionar a “identidade normal” (ROPOLI et al., 2010) e, com isso, abre a discussão para a diversidade, que surge a multiplicidade de formas de ver, sentir, aprender e interagir com o mundo. Isso implica em repensar as

bases, a formação do profissional e a própria organização da escola, compreendendo que:

A educação inclusiva não é uma cosmética da educação tradicional nem uma simples estratégia de melhoria da escola: constitui a promoção da formulação da educação em novas bases que rejeitam a exclusão e promovem uma educação diversa e de qualidade para todos os alunos (RODRIGUES, 2006, p. 13).

Neste contexto, vemos que a implementação da educação inclusiva compreende aspectos que extrapolam o espaço escolar, incidindo não só na mudança dos mecanismos legais que subsidiam as práticas inclusivas, mas implica em repensar a formação do profissional que atuará nesta nova perspectiva de conceber e implementar ações educativas. Esta afirmação é corroborada por Maria Teresa Égler Mantoan, ao asseverar que:

[...] a inclusão não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência e/ou dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um. (MANTOAN, *apud* CARVALHO, 2013, p. 14).

Diante da afirmação identificamos a necessidade do conhecimento do professor de forma a proporcionar situações ensino-aprendizagem que favoreçam a todos os alunos. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº 9.394/1996, há a diferenciação de dois grupos de docentes: o capacitado e o especializado, sendo estes, descritos na Resolução nº 02/2001 do CNE/CEB. Neste documento, o professor capacitado é aquele que, na formação básica, teve acesso a conteúdos que possibilitassem a atuação em classes comuns, realizando, neste espaço, a identificação de Necessidades Educacionais Específicas - NEE, a realização de ações de valorização da educação inclusiva, a flexibilização da prática pedagógica e a avaliação da eficácia das ações. Já o professor especializado deve apresentar formação na educação especial e tem como função:

[...] definir, implementar, liderar e apoiar a implementação de estratégias de flexibilização, adaptação curricular, procedimentos didáticos pedagógicos e práticas alternativas, adequados aos atendimentos das mesmas, bem como trabalhar em equipe, assistindo o professor de classe comum nas práticas que são necessárias para promover a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais (BRASIL, 2001, p. 5).

Na escola, estas áreas de atuação estão delimitadas pela ação do docente da classe regular (professor capacitado) e daquele que atua no Atendimento Educacional Especializado - AEE (professor especializado) que, atuando em parceria, desenvolvem o projeto pedagógico da escola de forma a considerar as NEE destes alunos.

Ressaltamos que este trabalho terá como foco a ação do professor de Língua Portuguesa, tendo em vista que ele deve estar capacitado para realizar atividades que favoreçam o desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos com Paralisia Cerebral - PC. A investigação foi constituída através de uma pesquisa bibliográfica, na qual identificamos recursos de Tecnologia Assistiva - TA e de Comunicação Aumentativa



Alternativa - CAA, que podem ser adquiridos ou produzidos, tendo como critério a possibilidade da produção, utilizando sucata ou adquirido a baixo custo.

Com isso, a investigação visa identificar materiais e associá-los a estratégias de uso que garantam a eficácia do recurso. Entretanto, não podemos desconsiderar que uma das condições para que o recurso minimize as dificuldades encontradas pelo aluno é a identificação das necessidades do discente. Isso porque a PC afeta os indivíduos em graus diferenciados e, a depender da estimulação recebida pelo estudante, ele pode desenvolver vários movimentos que podem ser utilizados para potencializar a aprendizagem. Desse modo, faz-se necessário que o docente observe e se utilize das potencialidades do educando, de modo a subsidiar a seleção dos recursos pedagógicos e das estratégias utilizadas que venham a possibilitar um nível de engajamento educativo do educando, no que diz respeito ao próprio texto escrito. A seguir, discutiremos sobre a pessoa com PC e as limitações geradas por esta condição a fim de compreendê-la e favorecer o entendimento da utilização dos recursos e das adaptações necessárias para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita para estes alunos.

## 2 | PARALISIA CEREBRAL

Paralisia Cerebral é um dos tipos de deficiência física e “refere-se ao comprometimento do aparelho locomotor que compreende o sistema osteoarticular, o sistema muscular e o sistema nervoso” (BRASIL, 2006, p. 11), desta forma, pode se apresentar na forma de distúrbios na postura no tônus muscular e no controle motor. Estes comprometimentos podem ser resultado de uma lesão não evolutiva, que se origina no período da gestação, no parto ou nos primeiros anos de vida, afetando o sistema nervoso central, especificamente na área que é responsável pelo controle motor.

É importante salientar que a paralisia cerebral não é doença e, por esta razão, ao descrevermos os déficits originados por esta condição, são usadas classificações que compreendem o tipo clínico ou referente à localização da lesão (BRASIL, 2006). Desse modo, afirmar que existe uma lesão no cérebro da pessoa com PC não implica que este se apresenta paralisado, e sim que este órgão não comanda corretamente os movimentos do corpo. Além das limitações referentes à motricidade, a paralisia pode associar-se aos problemas de visão, fala e audição, implicando em outras barreiras que dificultam o acesso ao aprendizado.

Em termos clínicos, a PC é especificada pelo tipo de alteração do movimento, que são: espástica, extrapiramidal e atáxico. O tipo mais comum de paralisia cerebral é a espástica, sendo caracterizado pela tensão dos músculos, implicando na impossibilidade de movimento do próprio corpo.

Em segundo lugar de incidência, temos o extrapiramidal, compreendendo uma

lesão que ocorre nos núcleos da base, ou seja, em uma região determinada do cérebro que gera um grau de tensão variável dos músculos. Como resultado da tensão, o indivíduo desenvolve movimentos indesejados e involuntários, que são divididos em três grupos: distônico, atetóide ou coréico. O tipo distônico caracteriza-se pelo aumento da tensão do músculo repentinamente, provocando uma fixação temporária de um segmento do corpo em postura extrema; o tipo atetóide é identificado pela realização de movimentos espásticos que impossibilitam a realização do movimento voluntário, bem como dificulta os indivíduos de manterem a mesma postura por um determinado tempo (gerando, assim, a realização dos movimentos com lentidão e com dificuldades de controle); e o tipo coréico que apresenta uma alternância da tensão dos músculos das raízes dos membros levando à realização de movimentos indesejáveis e rápidos.

O terceiro tipo, muito raro, é o atáxico que por apresentar uma lesão na região do cérebro chamada cerebelo (responsável, além de outras coisas, pelo equilíbrio) gera uma dificuldade em manter a postura.

Além disso, dependendo da localização do corpo que é afetada, a PC pode apresentar 3 subdivisões anatômicas: a diparisia, em que os membros superiores apresentam uma melhor função em relação aos inferiores; a hemiparesia, que há unicamente um lado do corpo acometido, o direito ou o esquerdo; e a tetraparesia, quando os quatro membros estão comprometidos igualmente (BRASIL, 2006).

Compreender estas subdivisões permite entender a funcionalidade dos membros para selecionar o recurso e a intervenção necessária ao aluno de modo a favorecer o desenvolvimento de habilidades que favoreçam a leitura e a escrita.

### **3 | A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL E EDUCAÇÃO**

A pessoa com PC possui o desenvolvimento global mais lento em todos os aspectos, no entanto, esta condição não está associada à capacidade intelectual, mas à limitação nos movimentos que dificulta a interação com pessoas e objetos (BRASIL, 2006)

É importante compreender que estas dificuldades implicarão em obstáculos de acesso à escola (desde o percurso da casa à instituição) como também dentro deste espaço educacional, caso não haja adaptações e profissionais de apoio que favoreçam a sua integração com o ambiente, com os colegas, os professores e os funcionários da escola. O profissional de apoio é descrito na Nota Técnica nº 19/2010 e deve atuar na promoção da acessibilidade e no atendimento das NEE no que se refere à comunicação, à atenção aos cuidados pessoais de alimentação higiene e locomoção. Como vimos, estas funções podem ser afetadas quando a pessoa apresenta um quadro de PC.

Devido à dificuldade de locomoção apresentada pela pessoa com PC, além da contratação do profissional de apoio (caso o aluno se enquadre nas condições anteriormente citadas), faz-se necessária a implantação de rampas de acesso, corrimões, banheiros adaptados entre outros para facilitar o acesso e uso de diferentes

espaços da escola. Apesar destas adaptações físicas não serem, em um primeiro momento, associadas à produção de textos, compreendemos que a participação em atividades realizadas em diversos ambientes favorecem o contato com vários gêneros textuais, tais como a lista de alimentos que serão oferecidos na merenda, avisos, propagandas e outros, constituindo um repertório de informações sobre a forma do texto, informações, que permitem inferências sobre o seu objetivo e público alvo, contribuindo para a compreensão da relação entre estrutura, texto, contexto, público, modalidades de produção entre outros.

O aprendizado desse aluno pode ser otimizado através da ação do professor ao reconhecer que a sua intervenção é um fator relevante, além disso, as adaptações propostas por ele podem interferir no processo de aprendizagem de outros educandos, assim como contribui na internalização do conceito de diversidade por todos os alunos. Ao realizar adaptações, propor formas diferentes de interagir, ensinar e avaliar o aprendizado da pessoa com PC, o docente contribui para a reflexão sobre o estigma da incapacidade e favorece o desenvolvimento de práticas escolares e sociais inclusivas.

Quando nos referimos ao desenvolvimento da escrita, por exemplo, que requer condições motoras do punho, braço, antebraço, de ombro; observamos que as práticas de produção de texto necessitam de recursos, estratégias e adaptações que possibilitem o traçado. As habilidades relacionadas à leitura compreendem questões posturais, fixação do olhar no texto, manuseio de folhas e acompanhamento dos parágrafos. Já a expressão dos conhecimentos contidos no texto pode se referir à escrita ou à habilidade de comunicação (que compreendem recursos de CAA).

#### **4 | TECNOLOGIA ASSISTIVA E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA PESSOAS COM PARALISIA CEREBRAL**

A Tecnologia Assistiva é uma área de atuação e de conhecimento que desenvolve e amplia recursos de mobilidade e de comunicação, tendo como objetivo principal, a interação entre as pessoas e destas com o ambiente (BERSCH; MACHADO, 2010). Para as autoras, a Tecnologia Assistiva atua no conhecimento e desenvolvimento de recursos de mobilidade e comunicação, sendo, portanto, uma ação interdisciplinar. Já a CAA é uma área da TA destinada à ampliação das habilidades de comunicação, seja das pessoas sem fala ou sem escrita funcional (SARTORETTO; BERSCH, 2010), logo, possibilitam a construção de novos canais de comunicação através de formas já existentes na pessoa com dificuldade de comunicação.

Após diferenciar os termos, identificamos que o uso da TA, ao possibilitar a interação entre a pessoa com PC e o docente pode favorecer o seu desenvolvimento e a sua aprendizagem, tendo em vista que o educador poderá intervir e avaliar as adaptações propostas por ele no que se refere às habilidades de produção, de leitura e de escrita.

Como vimos, não é interessante que as adaptações sejam desenvolvidas somente pelo professor de Língua Portuguesa da classe comum, mas deve contar também com o apoio do profissional que atua na Sala de Recursos Multifuncionais - SRM, onde ocorre o AEE. Juntos, os professores (capacitado e especializado) poderão compartilhar as observações sobre o aluno, com o intuito de selecionar e avaliar a adaptação adequada, seja ela temporal (oferecendo ampliação do tempo para a realização da tarefa), de material (utilizando recurso adaptado), de conteúdo (modificando o enfoque de determinado assunto) e outras que sejam necessárias para possibilitar a equidade na classe regular.

Neste sentido, as adaptações anteriormente citadas visam a equidade de participação nas práticas educativas. Carvalho (2013) define como equidade a condição de oferecer estratégias diferenciadas para a garantia do direito à educação e, para isso, é necessário reconhecer as possibilidades de cada estudante e desenvolver estratégias que os permitam atingir os objetivos possíveis diante das potencialidades e limitações de cada aluno.

No que se refere à produção escrita, que visa estabelecer relações com o meio, expor ideias, registrar conhecimentos da língua e internalizar conceitos, as limitações de uma pessoa com PC, se encontram, basicamente, na ação de segurar o lápis ou a caneta realizando o traçado compreensível das letras. Isso ocorre devido aos prejuízos na mobilidade ou pelos movimentos espásticos realizados involuntariamente pelo aluno. Nestes casos, faz-se necessário o uso de engrossadores de espuma para lápis ou caneta, fitas de fixação e acessórios para limitação de movimentos involuntários (como pulseiras com ímãs com suporte de metal e pulseiras com peso). Estes materiais podem ser adquiridos ou produzidos com material de baixo custo.

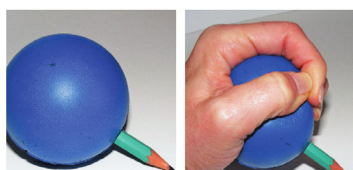


Figura 1 – Engrossadores de lápis arredondado

Fonte: Brasil (2007)

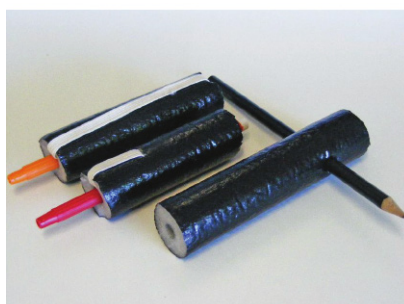


Figura 2 - Engrossador de lápis com espuma

Fonte: Brasil (2007)



Figura 3 – pulseira imantada e placa de metal

Fonte: Brasil (2007)

Na figura 1, vemos um engrossador produzido com uma bola. A figura 2 mostra três tipos de engrossadores: vertical com elástico para sustentação da mão; vertical com elástico para sustentação do polegar; e horizontal sem elástico de sustentação. Os engrossadores sem elástico ou fitas de sustentação permitem o manuseio dos instrumentos de registro para alunos com dificuldades em executar o movimento de pinça, no entanto, não são adequados para aqueles que apresentam movimentos

espásticos. Já pulseira imantada (figura 3) ou com peso, favorecem o desenvolvimento da escrita ao manter a estabilidade ante a estes movimentos involuntários.

Para o manuseio do livro, a inserção de pequenos pedaços de E.V.A., feltro ou espuma no canto superior ou inferior do livro, atuando como separadores de páginas, facilitam a passagem de uma folha à outra (BERSCH; MACHADO, 2013). A posição dos afastadores citados (acima ou abaixo) devem ser pensados em função do tamanho do livro e da capacidade de movimentação do aluno. É necessário observar ainda que os discentes com movimentos involuntários podem derrubar ou afastar o livro durante a passagem de páginas ou leitura, portanto, faz-se necessário fixar o material impresso com fita ou prendedores (que podem ser improvisados utilizando pranchetas).

Ainda para favorecer a leitura, os autores supracitados informam que é possível utilizar o plano inclinado, um suporte de livros com inclinação, para evitar desconforto postural e devem ser utilizados, em especial, aqueles do grupo espástico. O ato, de deslocar o texto da mesa para o plano horizontal e colocá-lo na altura dos olhos do estudante pode favorecer a participação e ampliar o tempo destinado pelo educando à atividade de leitura. O estudante poderá ter também dificuldades em movimentar o pescoço para realizar a leitura e, diante disso, o ajuste do posicionamento ante ao plano inclinado ou mesmo a ampliação do texto podem ser estratégias que viabilizam a sua participação na tarefa.

O alfabeto móvel ou em pranchas de comunicação se constituem em uma alternativa de TAn/para produção escrita e interação (substituindo ou complementando a fala). O uso do alfabeto móvel pode ser um recurso de produção de respostas, questionamentos e produção de pequenos textos, apresentado a possibilidade de ser utilizada pelo aluno diretamente, para formar palavras e sentenças com as letras. Tratando-se de estudantes que apresentam um comprometimento na coordenação motora que impeça a utilização do alfabeto móvel pode ser mediado pelo professor ou profissional de apoio utilizando técnica de varredura. Esta técnica consiste no ato de apontar, uma a uma, as letras de cada linha ou de cada coluna e permitindo que o aluno selecione a sequência de letras que formará a palavra. A seleção poderá ser realizada mediante um código previamente acordado entre o professor/profissional de apoio e o aluno, variando entre um movimento, a emissão de um som ou o simples piscar de olhos.

As pranchas de comunicação podem utilizar letras, símbolos, palavras ou figuras, e precisam ser desenvolvidas de acordo com a atividade a ser realizada. Elas podem ser produzidas por meio de *softwares* ou pela colagem dos elementos que devem ser agrupados de acordo com a função que exercem na sentença, ou por grupo semântico.

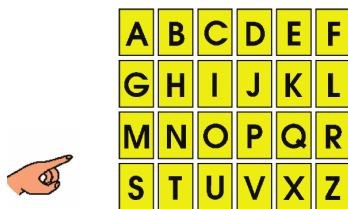


Figura 4: Prancha com letras.  
Fonte: Bersch e Machado (2010)



Figura 5: Prancha com palavras e imagens.  
Fonte: Bersch e Machado (2010)

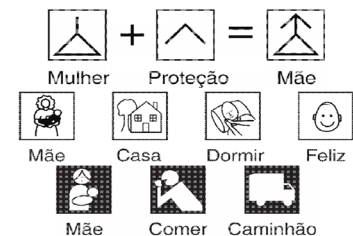


Figura 6: Prancha de comunicação em 3 sistemas de símbolos diferentes.  
Fonte: Bersch e Machado (2010)

Percebemos, dessa forma, que o professor não deve se limitar a observar características do aluno, mas utilizar o recurso adequado para promover a participação do educando através de estratégias diferenciadas que atendam às NEE (ZABALA, 2006 *apud* BERSH; MACHADO, 2010). Essas estratégias podem se pautar no uso de recursos de CAA, a fim de facilitar a execução de tarefas como a produção de texto escrito.

Dessa forma, no processo de produção e acesso ao texto escrito, o docente de Língua Portuguesa deve contar com o auxílio de recursos envolver formas alternativas de comunicação auxiliando em todos os processos de produção, e a avaliação deve também ser personalizada, seguindo o princípio da equidade que norteia este trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação inclusiva propõe uma mudança na educação de forma que as estratégias e recursos utilizados pelo professor visem à garantia do aprendizado de todos os alunos. Tratando-se dos alunos com paralisia cerebral, faz-se necessário realizar uma avaliação individual das suas habilidades motoras, já que cada um possui suas particularidades e tendo em vista que este tipo de deficiência física não interfere na sua capacidade de aprendizado. Desse modo, cabe ao professor buscar recursos que o permitam interagir com o ambiente.

Apesar de saber que a deficiência física pressupõe o uso da tecnologia, neste artigo visamos elencar os recursos de baixo custo que favorecem a participação do aluno com paralisia cerebral que apresentam menor ou maior comprometimento nos movimentos e na comunicação.

No entanto, o uso destes recursos pressupõe o conhecimento do professor (da classe regular e do especializado) para promover a autonomia dos alunos no âmbito acadêmico a disponibilidade de um profissional de apoio visando favorecer a comunicação, mobilidade, higiene e alimentação.

Diante disso, é necessário a alteração das estratégias de ensino, a modificação da avaliação considerando os recursos da TA e da CAA para garantir a inclusão com

aprendizado do aluno com paralisia cerebral.

Para tanto, é fundamental que o docente tenha contato com profissionais na escola ou na comunidade que possam auxiliá-lo na seleção desses materiais, como também conte, com conteúdos na formação básica e cursos de formação continuada que apresentem, capacitem e estimulem o uso dessas tecnologias do âmbito escolar.

## REFERÊNCIAS

BERSCH, R.; MACHADO, R. **Atendimento educacional especializado do aluno com deficiência física**. São Paulo: Moderna, 2010.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 23 de dezembro de 1996. Disponível em:< [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em 30 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 02**. De 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. CNE/CEB. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: deficiência física**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Física**. SESP/SEED/MEC: Brasília/DF – 2007.

\_\_\_\_\_. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva / Secretaria de Educação Especial**. - Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010.

\_\_\_\_\_. **Nota Técnica nº 19**, de 08 set. 2010. Dispõe sobre os profissionais de apoio para alunos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento. MEC/SEESP. Disponível em:< [http://pt.slideshare.net/Vania\\_Porto/nota-tecnica-19-2010-mecseespgab1](http://pt.slideshare.net/Vania_Porto/nota-tecnica-19-2010-mecseespgab1)>. Acesso em: 30 set. 2016.

CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. 9.ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

MANTOAN, M. T. E. **Educação Inclusiva: O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Summus, 2015.

RODRIGUES, D. (org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

ROPOLI, E. A. et al. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SARTORETTO, M. L.; BERSCH, R. C. R. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Recursos Pedagógicos Acessíveis e Comunicação Aumentativa e Alternativa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial: Universidade Federal do Ceará, 2010.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-381-1

